

A BOLA

Luís Fernando Veríssimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal!”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

-Como é que liga? – perguntou.

-Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

-Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

-Não precisa manual de instrução.

-O que ela faz?

-Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

- O quê?

- Controla, chuta...

-Ah, então é uma bola.

-Claro que é uma bola.

-Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

-Você pensou que fosse o quê?

- Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal”, de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente datevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina. O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse “Legal”, mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro do couro. A bola cheirava anada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês para agarrada se interessar.